

Amores apressados, monologados, vividos apressadamente, que ao serem relidos na íntegra deixem à mostra, tantos vazios, tantas urgências que aparecem emergentes com gravidades extremas, de tão insólitas, parecem realidades inventadas pedindo socorro.

Um amor fingido, poupado em declarações excessivas, poupou-te do susto que poderia ser um convite ao que não querias. Discreta na concessão de momentos, nada se revelava em ti duradouro, nenhuma orientação que conservasse deveria aparecer. Preferes uma liberdade que fique em mãos que sejam as tuas.

Trago um consolo pelo que já não valia a pena, enquanto eu falava em poesia teu estado de espírito vivia de mau humor, cansado das minhas declarações me ofereceste um sincero desprezo por tudo aquilo que não reconhecias.

Me dizes não como se meu corpo pertencesse a outra alma. Trata-se de um corpo inundado de realizações precárias, reclamando instintos vivos, arremessados como furiosas marés.

Transportei esse amor que foi direto ao seu objetivo, em busca da cor, do perigo, da semente, da revelação, até deixar de ser uma fecunda tarefa.

Em um ritual de agradecimento transformo tu presença em epílogo.

Busco interlocutora comprometido com a dor.

Teus pêsames pesam mais em ti que em mim.

Quando tudo canta e a boa vontade me inunda o peito, que pena! ir-se tudo. Depois de tanto aprender, levarei da existência tantas saudades. A vida, essa menina brincalhona, provocativa, fugidia, sem um gemido, sem uma queixa, vai-se embora tão cedo, que pena!

Recolhido, o amor busca um interlocutor que esteja propenso a procurar alguma vantagem, um pensamento comprometido com a dor ou com a reconciliação.

Escorre de teus olhos confessadas intenções, as carícias despejadas acolhem e põem a dormir minha alma, assistem meu descanso abraçado a esse teu ritual de sereno gozo onde me afundo, repousando no teu colo um sonhar venturoso onde deixo de ser forasteiro. Um beijo louco desfolha teu lábio; respiro tua pele, me nutro do teu peito.

No teu frescor, belo e curioso como o primeiro beijo, tão movido quanto o primeiro romance, namoro em boa companhia. Na tua juventude avança a mão com que te afaga até encontrar o grato corpo que inaugura a generosa recepção consentida. Então guardo a rota da estrela-guia, dispenso o incenso, a mirra e a tolerância.

Tantas as saudades! Prometo não comunicar a ninguém que sou dono de um íntimo tesouro, definitivamente belo, misterioso, promotor de felicidades pueris, efêmeras e verdadeiras, ainda que voláteis, como todas. Ninguém me acreditaria se contasse que vivi, criei, viajei, voltei, amei, conquistei, guardei. Num silêncio eloquente, invento mistérios que disfarçam estas vantagens.

Um sopro ressuscita um desejo: ânsia ancestral que me dá força para seguir, acendo todos os espaços para distribuir-me sobre o teu corpo. Filtro os olhares, as incredulidades, as surpresas. Faço tua alma suspirar e sorrir, passo a viver da sinceridade oferecida.

Com uma mágica, invento uma nova versão menos banal do paraíso original, para inaugurá-lo contigo. És um anjo distraído quando disposta a dar-me as tuas graças primeiras.

Justo sou quando guardo em segredo a confissão e a desgraça, quando recopilo histórias. Aceito que me dominam os afetos profundos, me escondo por detrás das angústias, faço minhas margens estreitas e me viro do avesso. Tolero meus medos e minhas mãos dormentes, recebo o sofrimento alheio; à dor dos outros, empresto-me como um aficionado a oferecer sossego.

Revestiria esse destino com novos finais. Vestiria minhas melhores intenções de possíveis belezas, mostraria o melhor de mim para receber a água da fonte e o amor nascente.

Vem, inocente vida, para pernoitar como se eu fosse tua casa, vem, donzela, para que eu te possua. Vem sonhar abrigo, ouvir canções de ninar.

Quando uma união cai em descrédito, fica condenada ao fracasso, vê-se, então, uma intenção de converter o gozo em perigo.

Tenho dúvidas de quem perde a razão, se tu ou eu, torna-se mais evidente o desconcerto que nos provoca a quase batalha final que ocorre anunciando o nosso fim.

Feito amante sensato, escolho o santo, a promessa e em quem verter meus desejos achados e pedidos.

O amor mantém fresco o pão de cada dia e renova a amizade que supera lugares e dispensa outras provas, toma parte da vida, nos torna responsável pelas contribuições, começo versos que nem sempre termino, traduzo parte do que sinto, distribuo o que sobra convidando ao complemento.

Minha alma ficou tão porosa que deixa a vida por ela passar, a vida que passa, que passa, de tão rápida já passou.

Os anos passam sem que algumas pessoas atentem para as consequências de seus atos e sem perceber a importância do tempo.

Faz-se necessária a presença de anjos que confortem, que reúnam a todos necessitados de consagração.

Minha memória ficou acostumada a ter saudades, eu com o desejo renunciado e os atos, somente secundários.

Sem ti meus olhos se tornaram tristes, sem novas impressões. Por que tua ausência tanto me importuna?

Embora relute, não te entrego minha paz; como não sou conivente, não colaboro com a tua deslealdade e teu pouco caso.

Já não sei mais ter solenes inocências.

Os urgentes têm compromisso em provar que o amor narcisista supera o amor objetal. Assim, sustentam seus modos de estabelecer relações efêmeras, superficiais e frágeis, no sentido das representações e no sentido vincular.

Quando a saudade comparece, traz consigo a constatação de que há pessoas e momentos que são insubstituíveis.

Às vezes a tua paz me assombra. por tantas surpreendentes revelações, como aquelas que pela harmonia construída fomentas companhia.

Os amores se organizam no plural.

A *saudade* é uma fiel portadora de boas lembranças.

Ela se foi das minhas coisas e se tornou recordação.

Assumida a partilha, não penso em outra coisa senão em ressuscitar a realidade dos amores comuns.

Teus lamentos terminarão, meu desejo de seguir acabará; entre afetos esporádicos e escassos, faltarão razões para caminharmos na mesma direção.

Evidências de intimidades arrastam a poesia e o querer, intensos impulsos que marcam a diferença entre o real e a fantasia.

Se isso é um sonho fingindo presença, dá-me um sinal, exala o encantamento. Por detrás dele manténs teus segredos, onde escondes ardentes amores.

Todo **meu sentir nômade** procura por ti.

As emoções me saem pelos poros, descontrolado, perdi o filtro.

Passeio pelos desertos até recomeçarem outros ciclos.

Anuladas as lembranças, inundados na solidão que lhes interrompeu a felicidade, tentaram voltar logo, o ânimo conturbado, o lado oposto do encontro. Pensaram: depois disso, tudo acaba.

A decepção repetida golpeia, sustenta o sofrimento e o ódio.

Ignorando a riqueza da leitura, muitos se dedicam à improvisação, aceitando tudo como destino. Fingindo presença exalam a ousadia do conhecimento.

Dá-me preguiça verter olhares no escuro, soprar brasas nas tuas cinzas.

Os olhos lançam para fora de si esperanças. Tentam voltar, reverter o inútil. Há, todavia, um tanto de amor transbordando, fora do teu leito. Os olhos nunca mentem.

Teu encanto exagera o convite, exacerba eloquentemente as vantagens, veste a virtude, dilata a expansão do agradecimento e funda novos prazeres.

Não tenho autorização para permitir ou proibir as revelações, as secreções, os delírios mais sensuais, suaves gozos a passear por teu paraíso.



Imprudentemente, quero fundir-me, exagerar, emparelhar com meu desejo, ser fiel à tua convocação, gozar as vantagens de estar vivo.

Caminho enquanto murmuro: onde mais as abelhas depositam o mel? Formo juízo: o mel não é meu.

Há amores sem remorsos que absolvem e incentivam a espera da presença de náufragos que investiram em ser hábeis sobreviventes.

Visitando minhas ruínas, amenizados meus remorsos, há momentos que pedem sigilo e armistício; outros, segredo e degredo sobrevivem às perdas.

Rego a memória até chegar às cicatrizes que nos assistem.

Há momentos em que sou dominado por emoções tardias precipitando saldos acumulados, ofertas guardadas ainda intactas na memória.

Perdi-me, busco quem me ofereça a raiz cicatrizada, traços de quem andou pela vida discretamente, guardando as queixas, calando intimidades.

Os dias contam velozes recordatórios à espera de um desfecho. Insistentemente misturam os anos que congelados insistem perdurar desafiando as ordens, repensando a razão.

Apesar de desprezada por muitos, a cultura latino-americana segue se sustentando segundo uma cosmovisão da realidade que não abre mão de suas tradições, fundadoras de uma aglomeração de significados. As máscaras coloridas, as palavras exageradas, os sábios silêncios, os corpos de bailes coletivos e individuais, as bocas que contam mentiras e os atos que contam verdades e na diversão todos ao serviço da comemoração.

Emancipo-me, no imaginário me conecto, completo a história, recupero a memória, sustento o relato, vejo o invisível na escuridão e o aplico na fixação das minhas máximas com luz própria.

Coincido a alma das palavras com a alma da língua e esta, com a alma do ventre.